UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - RIO CLARO

EDUCAÇÃO FÍSICA

MARCELO DE ALMEIDA COLOMBINI

A FAMÍLIA GRACIE E O JIU-JITSU NO BRASIL

Rio Claro - SP
2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - RIO CLARO

MARCELO DE ALMEIDA COLOMBINI

A FAMÍLIA GRACIE E O JIU-JITSU NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Alexandre Janotta Drigo

Coorientador: José Roberto Gnecco

Rio Claro - SP

2022

C718f

Colombini, Marcelo de Almeida
A família Gracie e o jiu-jitsu no Brasil / Marcelo de Almeida Colombini. -- Rio Claro, 2022
24 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientador: Alexandre Janotta Drigo
Coorientador: José Roberto Gnecco

1. Artes Marciais. 2. Jiu-Jitsu. 3. Família Gracie. 4. Lutas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

MARCELO DE ALMEIDA COLOMBINI

A FAMILIA GRACIE E O JIU-JITSU NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociéncias —Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física

BANCA EXAMINADORA:

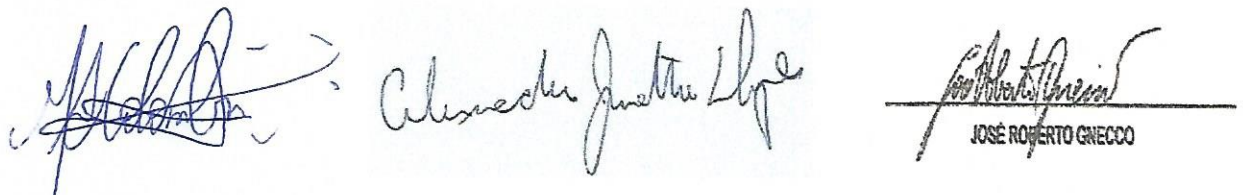
Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo (orientador)

Prof. Dr. José Roberto Gnecco (co-orientador)

Prof. Dr. Carlos Alberto Anaruma

Profa. Dra. Grabriella Andreeta Figueiredo

Aprovado em: 7 de Janeiro de 2022



Mardelo de Almeida Colombini	Alexandre Janotta Drigo	José Roberto Gnecco
Aluno	Orientador	Co-orientador

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores da Unesp de Rio Claro, que contribuíram na minha formação acadêmica e pessoal. Especialmente agradeço aos professores José Roberto Gnecco, Gabriella Figueiredo, Carlos José Martins e Eduardo Kokubum pela oportunidade de ser estagiário nos projetos de extensão sob sua orientação. Ao professor Luís Augusto Normanha deixo um agradecimento especial pela vivência em Capoeira Angola em 2019 na cidade de Ubatuba, com os mestres de capoeira. Todos os servidores que trabalham neste campus, que garantem o funcionamento dos laboratórios, equipamentos e disponibilizam materiais para as aulas e as condições necessárias para que elas ocorram. A equipe da biblioteca que nos atende e recebe com muito carinho, auxiliando não apenas na busca por materiais, mas também nas dúvidas quanto a formatação de trabalhos nas normas da ABNT, e a equipe do R.U. que sempre preparou um almoço gostoso para que nós alunos enfrentássemos a jornada diária de aulas deixo além do meu agradecimento o reconhecimento pelo vosso trabalho. Um muito obrigado especial aos professores que compõem a comissão avaliadora deste trabalho: Alexandre Drigo, Carlos Anaruma, Luís Normanha, Gabriella Figueiredo e Flávio Alves. Aos meus pais, amigos e colegas que estiveram presentes e comemoraram desde o meu ingresso no curso de Educação Física e a cada vitória e conquista nestes quatro anos vivenciados no melhor campus, da melhor universidade toda gratidão. Ao meu sobrinho que me auxiliou e colaborou em atividades o meu muito obrigado. Certa vez o dramaturgo alemão Bertold Brecht disse: " Há homens que lutam um dia e são bons. Há outros que lutam um ano e são melhores. Há os que lutam muitos anos e são muito bons. Porém, há os que lutam toda a vida. Esses são os imprescindíveis." Ser imprescindível é ser aluno da UNESP, os bons são alunos da Unifesp, os melhores são da Unicamp, os que são muito bons são os alunos da USP.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo apresentar um resgate histórico do jiu-jitsu, desde sua origem na Índia a cerca de 2.000 anos a.C. até a chegada do jiu-jitsu no Brasil, através do mestre Mitsuyo Maeda, o Conde Koma. Maeda conheceu Gastão Gracie, que encantado com o jiu-jitsu, levou seu filho mais velho Carlos Gracie para treinar com o Mitsuyo. Assim iniciou os primeiros passos do desenvolvimento do jiu-jitsu no Brasil e o surgimento de um estilo próprio, que ficou conhecido como Brazilian Jiu-Jitsu (BJJ) criado pelos Gracie. Uma das principais características do jiu-jitsu é o fato de não utilizar armas durante a luta, sendo uma ferramenta importante no treinamento da classe guerreira japonesa além dos treinamentos com a utilização de armas. Durante um combate o guerreiro poderia acabar desarmado, ficando vulnerável aos adversários, ao utilizar das técnicas que não utilizam armas os samurais desarmados não ficavam fora do combate e preservavam a própria vida. O BJJ utilizou das técnicas já conhecidas da arte suave, refinou e criou movimentos que tornaram possível a participação de qualquer pessoa em uma luta, mesmo apresentando desvantagem física em relação ao adversário. Ultrapassando as fronteiras do Brasil, o jiu-jitsu brasileiro expandiu-se em número de praticantes e admiradores, despertando o interesse das pessoas que buscaram as escolas fundadas pela família Gracie para aprender o estilo.

Palavras-chave: jiu-jitsu, arte suave, Família Gracie, Mitsuyo Maeda, brazilian jiu-jitsu.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper aims to present a historical review of jiu-jitsu, from its origins in India around 2,000 years BC to the arrival of jiu-jitsu in Brazil, through the master Mitsuyo Maeda, Count Koma. Maeda met Gastão Gracie, who, enchanted with jiu-jitsu, took his eldest son Carlos Gracie to train with Mitsuyo. Thus began the first steps in the development of jiu-jitsu in Brazil and the emergence of its own style, which became known as Brazilian Jiu-Jitsu (BJJ) created by the Gracie. One of the main characteristics of jiu-jitsu is the fact that it does not use weapons during the fight, being an important tool in the training of the Japanese warrior class, in addition to training with the use of weapons. During a combat, the warrior could end up unarmed, becoming vulnerable to opponents, when using techniques that do not use weapons, unarmed samurai were not left out of the combat and preserved their own lives. BJJ used the already known techniques of the gentle art, refined and created movements that made it possible for anyone to participate in a fight, even with a physical disadvantage in relation to the opponent. Going beyond the borders of Brazil, Brazilian jiu-jitsu expanded in number of practitioners and admirers, arousing the interest of people who sought the schools founded by the Gracie family to learn the style.

Keywords: jiu-jitsu, gentle art, Gracie family, Mitsuyo Maeda, brazilian jiu-jitsu.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 4

2 A GÊNESE DAS ARTES MARCIAIS 5

2.1 A GÊNESE DAS ARTES MARCIAIS NO JAPÃO 6

2.1.1 Os Samurais 7

2.1.2 O Samurai na história do Japão 8

2.1.3 Xogunato 9

2.1.4 Período Kamakura 9

2.1.5 Período Ashikaga 11

2.1.6 Período Edo 12

2.1.7 Restauração Meiji 14

3 UM BREVE HISTÓRICO DO JIU-JITSU 17

3.1 O JIU-JITSU NO BRASIL 19

4 CONCLUSÃO 22

REFERÊNCIAS 23

1 INTRODUÇÃO

O jiu-jitsu é uma arte marcial desenvolvida por monges indianos para defesa pessoal sem o uso de armas. Os monges possuíam um grande respeito pela filosofia e moral da religião que eles praticavam, por isso não portavam armas e não praticavam a violência. Utilizando-se de alavancas, torções, estrangulamentos e outros golpes não letais, os monges conseguiam derrotar os inimigos que encontravam no caminho como assaltantes e larápios. Os movimentos realizados continham princípios da biomecânica e garantiam a sobrevivência dos monges sem que eles causassem danos físicos ou a morte dos inimigos.

No Japão o jiu-jitsu expandiu, ganhando cada vez mais praticantes. Passaram vários anos e o jiu-jitsu ganhou novas técnicas e passou a ser praticado pelos guerreiros. Os samurais eram uma classe que ganhou grande prestígio durante os Xogunatos. Além de praticar e combater com o uso de armas, os samurais praticavam e utilizavam das técnicas do jiu-jitsu em conflitos, já que durante uma batalha havia a possibilidade de o guerreiro perder suas armas, mas não podiam perder o combate.

De restrito aos japoneses e praticado somente no território do Japão, com a Restauração Meiji o jiu-jitsu passou a ser proibido. Com a proibição muitos mestres foram a outros países ensinar a arte. Mitsuyo Maeda, o Conde Koma, chega ao Brasil para ensinar o judô e o jiu-jitsu. Em Belém conhece Gastão Gracie, que se tornou um entusiasta do jiu-jitsu e levou seu filho mais velho, Carlos Gracie para ter aulas com o Mestre Maeda. Carlos aprendeu a arte e ensinou a seus irmãos. Hélio o mais novo de todos, aprendeu a arte, refinou as técnicas e golpes, garantindo assim a superação da desvantagem por seu porte físico.

Os patriarcas Carlos e Hélio Gracie criaram o jiu-jitsu brasileiro, também conhecido como Brazilian Jiu-Jitsu (BJJ). A contribuição da Família Gracie não está restrita a criação do estilo brasileiro de uma arte marcial originada aproximadamente há 2.000 anos a.C., seus membros criaram eventos, desafiaram lutadores de outras modalidades, levaram o BJJ a outros países, fundaram suas equipes e são responsáveis por expandir uma arte marcial que ganha cada vez mais praticantes e simpatizantes.

2 A GÊNESE DAS ARTES MARCIAIS

Segundo Severino (1988), nos países orientais faz aproximadamente 4.000 anos que aparecem tipos de lutas armadas na história de seus povos. No entanto as Artes Marciais não estão restritas aos países orientais, também são encontradas em países ocidentais e americanos (na América Pré-Colombiana existiram grandes centros iniciáticos relacionados a arte mística) e tiveram origem comum; os mosteiros. Por exemplo, na Coréia, a Irmandade Wang Ra Do; o Shao Lin na China; o Mosteiro Sorinji, no Japão, o Calmecac no Império Asteca e a Ordem dos Cavaleiros Andantes na Europa Medieval.

A história das Artes Marciais é mitológica, a maioria dos povos contam em sua literatura com poemas e tratados épicos de grande importância. Na Índia o Ramayana (poema épico indiano) narra a guerra de Deuses empreendida pelo Deus Rama; na Grécia, as obras de Homero, a Ilíada e a Odisseia relatam a guerra de Tróia e o retorno de Ulisses. Após às Cruzadas, floresceram em toda Europa os poemas épicos, como o Mio Cid, o Cantar de Rolando e Miguel de Cervantes encerra os Odes à Guerra Mística com a obra Dom Quixote.

Mesmo surgindo em locais e épocas diferentes, as Artes Marciais orientais possuem características em comum, como a proteção e defesa pessoal; o domínio do corpo e surgiram em mosteiros, onde os praticantes também aprendiam literatura, ética e filosofia.

Em busca de proteção pessoal e garantia de sobrevivência, reis e rainhas dos antigos impérios formaram pequenos exércitos de combatentes com praticantes de Artes Marciais. Este pequeno exército era responsável por defender o reino contra revoltas internas, inimigos externos e garantir a proteção do território contra o ataque de invasores.

Por se tratar de um termo polissêmico que dificulta sua apropriação e definição precisa, o termo Artes Marciais abrange diversas manifestações, com distintos contextos (PARIZOTTO *et al.*, 2017, p. 54). A grafia do termo empresta o termo romano relativo a Marte, o deus romano da guerra e a palavra *ars*, que em latim significa arte.

Embora o termo artes marciais seja associado às lutas típicas do leste asiático, com grande destaque ao Japão, as artes marciais tem uma origem muito antiga surgindo em várias regiões do mundo. Hoje há muitas modalidades de artes marciais

que abrangem diversos estilos, sistemas e escolas, alguns estilos fazem o uso de armas como espadas, bastões e correntes, mas não incluem armas de fogo. Atualmente as artes marciais elas são utilizadas com múltiplas finalidades, além da guerra (que não é mais utilizada, devido ao avanço da tecnologia bélica, e das técnicas de combate e guerra) e da defesa pessoal. São praticadas para competição, autodefesa, exercícios para saúde física e mental, entretenimento, desenvolvimento pessoal.

2.1 A GÊNESE DAS ARTES MARCIAIS NO JAPÃO

As artes márcias japonesas se originam das tradições guerreiras dos samurais devido ao sistema de castas que restringiu o uso de armas apenas aos membros das classes guerreiras. Durante o combate os samurais poderiam perder suas armas, por isso desenvolveram técnicas e habilidades para um combate desarmado, além do treinamento físico, os samurais realizavam treinamento mental para prepará-los para o combate desarmado. Outro fator que auxiliou a grande difusão das artes marciais no Japão foi a filosofia de respeito ao próximo e à hierarquia.

O Budô é o termo que designa as Artes Marciais Japonesas, também é o termo utilizado para descrever o estilo de vida dos praticantes dessas artes, na qual engloba aspectos físcos, filosóficos e morais, como o auto- aperfeiçoamento, disciplina e crescimento pessoal e espiritual. O Budô, conhecido como caminho marcial, engloba dois conceitos: o bujutsu que é a aplicação prática de táticas marciais e técnicas de combate real e o bugei que é o aperfeiçoamento dessas táticas e técnicas focados no caráter pessoal e desenvolvimento espiritual.

Praticar o Budô significa adotar o Bushido, o código de honra dos samurais, e um estilo de vida que enfatiza a disciplina, o treinamento físico e o treinamento e evolução espiritual.

As artes marciais japonesas possuem duas classificações: o Koryu que abrangem as artes marciais fundadas antes da Restauração Meiji e Gendai Budô, nome dado às artes marciais fundadas pós Restauração Meiji. Como exemplo de artes classificadas como Koryu estão o Kenjutsu, iaijutsu, jujutsu, kyujutsu, sojutsu, kusriagamajutsu, suijutsu, bojutsu, no Gendai Budô estão o aikido, judô, jukendo, iaido, karatê-do kendo, kyudo, naguinata-do, shorinji kempo, hijutsu.

A partir do desenvolvimento de técnicas de combate foram nascendo vários estilos de artes marciais. Como antigamente hoje as técnicas estão sujeitas a mudanças podendo ser aperfeiçoadas e novas técnicas podem ser desenvolvidas. É errado pensar que as construções de golpes e movimentos são frutos apenas das regras, elas dependem também do ambiente, em situações de guerra, eram utilizadas técnicas letais, com o fim da classe dos samurais, e a adoção de novas práticas de guerra, e a esportivização das artes marciais, o objetivo mudou e foram criados movimentos para atingir objetivos diferentes que não fossem a morte, como retirar um adversário de combate. Nascida uma nova sociedade, com a Restauração Meiji, os Koryu foram considerados como ultrapassados e sem sentido.

2.1.1 Os Samurais

O termo Samurai significa aquele que serve, e faz referência à classe guerreira do Japão, que consistiam em grupos armados treinados na arte da guerra, a arte marcial. Os samurais representavam cerca de 10% da população do Japão e atuavam na proteção das terras particulares e dos interesses dos lavradores, com técnicas de lutas e formas de conduta própria. Os samurais pertenciam a uma casta social japonesa, onde havia a transmissão hereditária de um estilo de vida. O título de samurais era passado de pai para filho, assim os filhos de samurais recebiam, desde pequenos, uma educação adaptada à classe, com lições de conhecimentos culturais e de manejo de armas, formando novos samurais ao chegarem à fase adulta.

Os guerreiros destacaram- se também pela variedade de habilidades que apresentavam fora de combate. Além da esgrima, a alfabetização era parte obrigatória do curriculum. Muitos eram poetas, calígrafos, pintores e escultores. Algumas formas de arte como o Ikebana (arte dos arranjos florais) e a Chanoyu (arte do chá) também eram consideradas artes marciais, pois treinavam a mente e as mãos do samurai. A espiritualidade também era importante para os guerreiros, pois representava o ideal de perfeição. Os samurais descobriram o Zen-Budismo, um caminho que conduzia à calma e à harmonia.

2.1.2 O Samurai na história do Japão

Durante o período marcado pela supremacia da nobreza e o monopólio do poder exercido pelos Fujiwara, homens de classe inferior ou não pertencentes aos grupos dominantes eram impedidos de ascender socialmente. Este governo foi marcado pelo esquecimento dos interesses do povo, em especial dos lavradores que constituem o sustentáculo econômico do Estado à época. Não havia qualquer tipo de proteção nas áreas rurais, forçando os próprios lavradores garantir a proteção e defesa de seu patrimônio.

Entre 1.180 e 1.185, os samurais já tinham grande importância dentro da sociedade japonesa, mas ainda não faziam parte do poder. Com a guerra de Gempei, na qual o clã Yoritomo venceu Taira e assumiu o domínio no Japão. Em 1.192 Yoritomo instalou um governo militar. No período de 1.192 a 1.333, os samurais passaram a ser os guardiões do novo regime, exercendo funções civis, como a cobrança de impostos dos camponeses, e militares, como a de proteção.

Com a morte de Yoritomo e, em seguida, de seus dois filhos, o poder passou para a regência do clã Hojo. Em 1.232 Hojo Yasutoki proclamou o Código Joei, a primeira legislação samurai.

Por volta 1.220, a Mongólia ficou sob o comando do rei Ghengis Khan que, em pouco tempo, venceu a Muralha da China, conquistou o Império Tangute, região noroeste do território da atual República Popular da China e lançou as bases para a conquista de todo o território chinês. Kublai Khan, neto de Ghengis Khan, tentou invadir o Japão, em 1.274, com mais de 40 mil homens em 900 embarcações, mas foi surpreendido por um tufão. Kublai organizou uma nova expedição, com 140 mil homens em 4.400 navios. Os samurais combateram para defender o território japonês, mesmo estando em desvantagem numérica e de armas.

Durante o xogunato de Ashikaga (1.336 – 1.573) os guerreiros passaram por uma transformação de personalidade: aos poucos, eles se afastaram das comunidades rurais, tornando- se uma figura autenticamente militar a serviço dos Daimyô.

Em 1.600, cerca de 150 mil samurais lutaram com o general Ieyasu Tokugawa, na batalha de Sekigahara para derrotar os clãs rivais e reunificar o país. Ieyasu e seus descendentes quase não tiveram rivais. Por isso os samurais passaram a se dedicar

a outras atividades que não fossem apenas os treinamentos marciais. Com a Restauração Meiji a classe dos samurais foi abolida.

2.1.3 Xogunato

O xogunato foi um sistema de governo predominante no Japão de 1.192 a 1.867, baseado nas regras de conduta dos samurais. Historicamente o Japão conheceu três xogunatos, o primeiro exercido por Minamoto no Yoritomo (1.192 – 1.337), o xogunato seguinte foi instituído em 1.338 por Ashikaga Takauji; ele perdurou até 1.573. O terceiro xogunato, instituído em 1.603 estendendo até 1.868, foi conhecido como era Tokugawa. O xogunato foi uma forma de governo em que os chefes militares, os xoguns, exerciam o poder. A família imperial japonesa existia, mas estava sob o comando do xogum, o Imperador era o governante *de jure* enquanto o xogum era o governador *de facto*. Minamoto Yoritomo (1.147 – 1.199) nomeado pelo Imperador japonês, foi o primeiro xogum e deu início ao Período Kamakura. A principal sede do xogunato foi estabelecida em Kamakura, uma vila localizada no litoral leste, enquanto os Imperadores e Aristocratas permaneciam em Kyoto.

O xogum tinha o poder de escolha de seus próprios vassalos para administrar e proteger as províncias, os samurais passaram a ser os guardiões do regime, exercendo funções civis, militares e de proteção. Neste período começou a ser formado o Boshidô, que era o código de conduta dos samurais.

Durante este período de aproximadamente setecentos anos, os samurais, que eram soldados pertencentes a uma posição baixa na hierarquia militar, ascenderam ao poder e foram colocados acima da aristocracia para servir diretamente ao xogum.

2.1.4 Período Kamakura

O monopólio do poder exercido pelos Fujiwara e a supremacia da nobreza, impediam a ascensão de homens de classes inferiores ou não pertencentes ao grupo dominante. O governo esquece dos interesses do povo, em especial dos lavradores que constituem o sustentáculo do Estado Ritsuryô.

A aristocracia, chamada *kuge*, que era responsável pela administração pública, e as instituições entram em decadência juntamente com o regime Ritsuryô. Alguns

imperadores tentaram restaurar o prestígio da corte quando institui o In-sei, no século XI (YAMASHIRO, 1986).

Com o In-sei o imperador retira-se formalmente do trono, mas mantém alguns privilégios como subterfúgio contra os abusos nascidos no sistema de regência e conselheiro-mor. Com duração de aproximadamente um século, o In-sei acaba por criar uma rivalidade entre o imperador em exercício e o "ex- imperador" enfraquecendo ainda mais o Ritsuryô, havendo lutas armadas entre as duas facções, fortalecendo o prestígio da classe guerreira, os samurais.

Fora da capital Heian (atual Kyoto), os governadores provinciais e municipais exploram os lavradores, abastecendo seus cofres particulares com os tributos arrecadados e abandonando-os à própria sorte, deixando os lavradores vulneráveis a bandidos e outros malfeitores. Em alguns casos, governadores e prefeitos tomaram a iniciativa de organizar milícias armadas para defender suas propriedades sob o comando dos lavradores.

Verifica-se uma situação de total abandono pelo poder central, o governo foi incapaz de controlar assaltantes, ladrões e outros marginais, que infestaram as cidades e áreas rurais. O abandono do poder central fica mais evidente nos shôen (grandes propriedades privadas no campo) sem policiamento ou qualquer outro tipo de atenção. Os donos ou administradores dessas propriedades são forçados a adotar medidas de defesa própria pela força das armas.

Os proprietários e administradores de shôen estabelecem uma relação senhorial, com características semelhantes à suserania e vassalagem do feudalismo europeu. Neste contexto com a militarização surge a nova classe guerreira dos samurais. Os grupos de praticantes das artes marciais possuíam chefes que se ligam a senhores superiores, que formavam os grandes chefes dos samurais.

Rebeliões e conflitos armados entre grupos de samurais marcam os séculos X e seguintes em várias partes do país, o governo central não consegue dominá-los sem ajuda de outros grupos de samurais. As lideranças dos grupos rivais pertencem a dois ramos rivais entre si, os Taira e os Minamoto.

Os Taira chegam ao poder e são absorvidos pela aristocracia. Os Minamoto criam e fundam o primeiro xogunato, o xogunato Minamoto (ou Período Kamakura), com a capital administrativa em Kamakura.

Os samurais, que estavam subordinados aos aristocratas, fortalecem seu poder substituindo os fidalgos e os sacerdotes no governo e em outras áreas como a cultura (YAMASHIRO, 1986).

2.1.5 Período Ashikaga

Também conhecido por Xogunato Muromachi ou Ashikaga, ou Período Ashikaga, foi o segundo xogunato na história do Japão. Estabelecido por Ashikaga Yoshimitsu, foi compreendido entre 1.336 a 1.573.

O monopólio do poder e a falta de recompensas de terras após a vitória contra as invasões mongóis do Japão, levou a um ressentimento entre os vassalos dos Hojo. Em 1.333, o Imperador Go-Daigo ordeno os vassalos dos governos locais a se oporem ao domínio Hojo e a favor da restauração imperial.

Para conter a revolta o xogunato Kamakura ordenou que Ashikaga Takauji combatesse o levante. Ashikaga se voltou contra Kamakura e lutou a favor da corte imperial. Ashikaga estabeleceu seu próprio xogunato em Kyoto, após o sucesso da derrubada do xogunato Kamakura.

Depois de Ashikaga estabelecer seu próprio xogunato, iniciou uma disputa contra o imperador Go-Daigo sobre como deveria governar o país. Yukahito, segundo filho do imperador Go-Fushimi, foi nomeado Imperador Komyo. O país foi dividido em Corte do Norte, a favor de Komyo e Ashikaga e Corte do Sul, a favor de Go-Daigo. A divisão em duas cortes continuou por 56 anos até 1.392, quando a Corte do Sul desistiu.

O poder foi descentralizado, a relação mestre- vassalo foi substituída pelos daimyos e os poderes militares dependiam da lealdade dos daimyos. Em 1.467, na capital Heian-kyô, é deflagrada uma guerra pela sucessão do trono. A disputa tornou-se um pretexto para a busca da supremacia militar e diversas casas de shogu-daimyo entraram no conflito que não houve vitoriosos (BERNABÉ, 2010). Conforme os daimyos entravam em conflito na busca pelo poder, a lealdade se tornava mais rara. A guerra terminou pela exaustão, os shogu-daimyo deixam a capital e retornam para suas províncias.

A capital não era mais uma fonte de poder, se fragmentou e o xogunato perdeu seu poder de governo. Houve uma expansão da autoridade local, as vilas agricultoras tiveram liberdade para se organizar de acordo com a vontade da comunidade.

De acordo com Alencar (2006) mesmo com a falta de recursos para a administração, muitos governantes Ashikaga se entregaram ao luxo excessivo e não conseguiram conter as revoltas da população. Os xoguns recorreram a impostos sobre camponeses e suas terras, bem como sobre os comerciantes, aumentando ainda mais o descontentamento da população.

Quando o xogum Ashikaga Yoshiteru foi assassinado em 1.565, o daimyo Oda Nabunaga instalou o irmão de Yoshiteru, Ashikaga Yoshiaki, como o 15º xogum Ashikaga, sendo Yoshiaki um xogum de aparências. Os conflitos permaneciam em menor tamanho, até a explosão de uma guerra aberta no final do xogunato Ashikaga. O xogunato Ashikaga chegou ao fim quando Nabunaga expulsou Yoshiaki de Heian.

2.1.6 Período Edo

O Período Edo, também conhecido como Edo Bakufu, Período Tokugawa ou Xogunato Tokugawa (Idade da Paz Ininterrupta) foi um período da história do Japão que foi governado pelos xoguns da família Tokugawa, entre março de 1603 a maio de 1868, estabelecido por Ieyasu Tokugawa, o primeiro xogum desta era, na então cidade de Edo, atual Tóquio. O Período Tokugawa foi o xogunato mais longo da história do Japão.

Este período foi marcado pelo forte isolamento político-econômico do país, e rígido controle interno, regulando os daimyôs através do código de leis. Este código de leis abrangia a conduta privada, casamento, roupas, tipos de armas e o número de tropas permitidas. Exigia que os daimyos residissem em Edo a cada dois anos, proibiam o cristianismo e a construção de navios. Mesmo não sendo taxados, os daimyos eram cobrados por contribuições para apoio militar, logístico e obras públicas, assim os Tokugawa se fortaleceram e esgotaram as riquezas dos daimyos minando as ameaças à administração central. O xogunato fez grandes esforços para suprimir a agitação social, com sanções severas incluindo a crucificação, decapitação e morte por ebulição.

Durante os 268 anos de Xogunato Tokugawa, o Japão passou por um período de relativa paz e de valorização das artes, como: o teatro kabuki, a pintura em madeira, a arte do chá a escrita e a educação. Também se desenvolveram a agricultura e a construção civil no setor de estradas, que posteriormente, contribuíram para a rápida industrialização do país.

No período conhecido como Sengoku, entre os séculos XV e XVII, o Japão sofria grande instabilidade política. As disputas de poder e de terras entre os daimyôs geravam uma onda de guerras civis que contribuíram para o enfraquecimento do poder central do Xogunato Muromachi.

A reunificação do Japão começou a ganhar forma com a campanha de Oda Nobunaga. O vassalo de Nobunaga, Akechi Mitsuhide, assassina seu mestre em 1.582 e se aproveita da situação para assumir o lugar de Nobunaga. Toyotomi Hideyoshi, general que lutava ao lado de Nobunaga, age rapidamente padra destruir as foças de Mitsuhide, assumindo assim o controle. Com o apoio dos seguidores da Nobunaga e forjando alianças com vários daimyôs, Hideyoshi continua a reunificação, a última resistência a ser derrotada foi a família Hojo, completando assim a reunificação do território japonês.

Com a morte de Toyotomi, o poder voltou a ser concorrido. Ieyasu Tokugawa, utilizando de seu poderio político e militar iniciou uma batalha pelo poder do Japão destruindo as forças que apoiavam Hideyori, filho de Hideyoshi, na Batalha de Sekigahara. Em 1.603, Tokugawa recebe do imperador o título de xogum, iniciando o Xogunato Tokugawa que só terminaria com a Restauração Meiji.

Durante os séculos do Xogunato Kamakura, existia um equilíbrio com a corte imperial, com o Xogunato Tokugawa um samurai tornou-se o governador incontestável, exercendo um governo centralizado. Ieyasu estendeu seu domínio sobre os daimyos ocidentais com a vitória na Batalha de Sekigahara, em 1600, garantindo-lhe praticamente o controle total do Japão. Os Tokugawa consolidaram seu controle sobre o Japão reunificado, tinham um poder sobre o imperador, a corte, todos os daimyos e sobre as ordens religiosas.

O Período Edo trouxe 200 anos de estabilidade para o Japão, o sistema político evoluiu para o bakuhan, onde o xogum era a autoridade nacional e os daimyos eram autoridades regionais, criando uma nova estrutura burocrática para administrar as autoridades central e descentralizada. A sociedade japonesa era dividida em quatro classes de trabalho, eram os: camponeses, artesãos, comerciantes e samurais, uma vez integrado em uma classe não era permitido mudar. Neste período proliferaram os ronin, samurais desonrados sem senhor e tiveram que se dedicar a outras tarefas, tornando-se os principais desenvolvedores das artes, principalmente da escrita, do chá, do teatro e da pintura. Os comerciantes eram uma classe que até então estava relegada ao ostracismo, o Japão até então fora um país marcadamente agrário.

No Período Tokugawa o desenvolvimento econômico incluiu um alto nível de urbanização, expansão significativa do comércio doméstico e estrangeiro. Osaka e Heian eram grandes centros de produção de artesanato e de comércio. A base da economia e da produção agrícola estava concentrada no plantio de arroz, que também era a forma de coleta de impostos correspondendo a 40% da colheita de arroz.

O Japão tornou- se isolacionista praticando o comércio com um seleto grupo de poucos países. O isolamento político-econômico do Japão iniciou quando foi desfeito o último acordo comercial que eles mantinham com a Holanda, partir de 1.641 e foi implementado pelo Iemitsu Tokugawa. O comércio com a China e a Coréia ficou bastante reduzido. Os únicos navios que mantinham algum laço comercial chegavam apenas pelo porto de Nagasaki, o único contato japonês com o resto do mundo. Cristãos e portugueses foram expulsos, os japoneses foram proibidos de sair do Japão.

Sousa (c2021) diz que as nações ocidentais passaram a desenvolver estratégias políticas que pressionavam a abertura política e econômica japonesa. Em 1.853 uma esquadra de quatro navios estadunidense aportara à baía de Tóquio, diante da ameaça o xogum assinou um tratado comercial reabrindo o Japão aos americanos, na sequência, após saberem do sucesso obtido pela marinha dos Estados Unidos, vieram os britânicos e os russos. Em poucos anos o Japão viu crescer o número de bens e pessoas estrangeiras.

Reagindo ao processo de dominação, os japoneses permitiram que os jovens fossem à Europa e Estados Unidos para estudarem em universidades voltadas para a ciência e tecnologia. Assim a população japonesa começou a dominar o conhecimento necessário para a criação de suas primeiras indústrias.

O projeto de modernização japonesa foi seguido pelo campo político, com a revolução Meiji, houve uma oposição ao domínio absoluto do xogunato. Mitsuhito, o imperador Meiji, iniciou uma série de reformas na política do Japão. O poder político dos daimyos foi substituído por um sistema de prefeituras locais subordinadas ao poder central, foi instalado o Poder Legislativo formado por um parlamento bicameral.

2.1.7 Restauração Meiji

A Restauração Meiji transformou o Império Japonês em um estado- nação moderno, findando o xogunato que perdurou por cerca de setecentos anos. O poder

que estava nas mãos dos xoguns foi passado para a família imperial. O Japão passou por um grande processo de modernização e crescimento da economia.

Mutsuhito foi escolhido como o próximo líder do Japão pelos oponentes do xogum. Aos 14 anos de idade, o Imperador Meiji tornou-se líder do país. No entanto, o fim dos xoguns da Período Tokugawa ocorreu devido a uma guerra civil interna, a Guerra de Boshin, nos anos 1868 e 1869. Os partidários do Xogum queriam voltar aos antigos caminhos do Japão e os partidários do Imperador queriam modernizar e ocidentalizar o país rapidamente. O grupo de Meiji comandado por Shintaro Nakaoka, Ryouma Sakamoto e Tishimichi Okubo, não aceitavam a centralização de governo dos xoguns e queriam renovações políticas no país. Os combatentes do imperador venceram a guerra e isso significou o fim do Período Edo e início do Período Meiji.

Com a restauração, o poder ficou nas mãos do Imperador Meiji e a administração da nação ficou a cargo dos burocratas, que foram responsáveis pelas transformações que aconteceram no Japão.

O governo extinguiu o privilégio dos daimyos sobre as terras, os camponeses que antes pagavam seus impostos aos daimyos, passaram a fazê-lo ao governo. O imperador extinguiu a classe dos samurais e os guerreiros tiveram as pensões governamentais retiradas em definitivo e substituídas por indenizações com prazo de validade determinado por até quinze anos.

Ruth Benedict, antropóloga estadunidense explica as mudanças que ocorreram no Japão, em detalhes:

> Mal um ano no poder, [o regime] aboliu o direito de tributação do daimyo [senhor de terras] em todos os feudos. Recolheu os cadastros e apropriou a taxa de "40%" para o daimyo dos camponeses. [...]. Por volta de 1876, as pensões dos daimyos e dos samurais foram convertidas em indenizações a vencerem-se em cinco a quinze anos. Eram elas pequenas ou grandes, de acordo com o salário fixo de tais indivíduos no tempo dos Tokugawa (2014, p. 70).

Com o fim da classe guerreira (samurais), o novo governo instituiu o alistamento militar de âmbito nacional em 1.873, para que todos os homens sirvam nas Forças Armadas aos vinte e um anos, por um período de quatro anos, mais três anos na reserva. Os samurais não eram autorizados a andar pela cidade carregando uma espada ou uma arma como em tempos anteriores. O direito de portar armas deixou de ser um privilégio dos samurais e tornou-se um direito de todos os homens

da nação. Com a adoção de armamento militar moderno e a introdução da cultura ocidental no Japão, a prática das artes marciais começou a ser reduzida caindo em um relativo desuso, os samurais perderam o direito de praticá-las, posteriormente as artes marciais foram proibidas em todo o território japonês.

Samurais descontentes se rebelaram, e liderados por Saigo Takamori tentaram derrubar o Exército Imperial Japonês na Rebelião de Satsuma. O Exército Imperial foi composto por antigos samurais treinados em armas e táticas ocidentais. O novo modelo de combate possuía uma vantagem em relação ao antigo modo de combate, possibilitava a eliminação mais rápida do inimigo sem o esforço de uma luta corporal.

Além de acabar com o privilégio dos daimyos, a Restauração Meiji promoveu o fim das distinções de classes presente no Xogunato, unificou o idioma japonês, criou prefeituras (Ken), em substituição aos han. Mas a principal mudança foi a modernização da economia e política, a partir de modelos europeus acabando com privilégios antigos e modernizando o Japão. Em poucos anos o Japão transformou-se em uma potência no continente asiático.

3 UM BREVE HISTÓRICO DO JIU-JITSU

O Jiu-Jitsu é uma modalidade arte marcial muito antiga surgida na Índia por volta do ano 2.000 a. C., inicialmente praticada por monges budistas para a autodefesa contra inimigos. A história diz que os monges budistas percorriam longos caminhos pelo interior da Índia e que nestes trajetos encontravam assaltantes espalhados ao longo deste caminho, como não faziam uso de artefatos a fim de garantir a proteção pessoal de modo a não ir contra a moral de sua religião, os monges eram alvos fáceis e o trajeto tornava-se mais perigoso (A HISTÓRIA..., 2021). Por não utilizarem armas, os monges desenvolveram uma técnica de luta, sem socos e chutes, utilizando os princípios do equilíbrio, chaves, torções de articulações, alavancas e estrangulamentos. Esta técnica permitiu utilizar a força dos adversários contra os mesmos, para imobilizá-los sem causar-lhes danos físicos e deixando o adversário sem condições combate. Criando um sistema que deixava de lado a força bruta, para imobilizar o adversário sem provocar-lhe dano físico (PODEROSO; PODEROSO, 2012).

É indiscutível que os monges budistas, que desenvolveram as técnicas de luta e defesa pessoal, possuíam um grande conhecimento do corpo humano e conceitos biomecânicos que permitiram o desenvolvimento de um método de defesa pessoal utilizando o corpo e a força do adversário como ferramenta para retirá-lo do combate, sendo a arte de defesa mais completa e perfeita criada em todas as épocas.

Com a expansão da modalidade, o Jiu-Jitsu percorreu o sudeste Asiático, a China e finalmente chegou ao Japão, onde desenvolveu e popularizou-se (GRACIE, 2008). Após chegar ao Japão, tomou grandes proporções, sendo cultuado e muito desenvolvido, tornando-se a partir da segunda metade do século XVI a mais importante arte marcial japonesa (A HISTÓRIA..., c2021). Segundo Ehms (2010), no Japão no século XVIII, surgiram diversas lutas que originaram mais de 700 estilos de Jiu-Jitsu, alguns utilizando técnicas de solo, outros em pé.

No Japão, o ambiente de desenvolvimento e refinamento da arte foram as Escolas de Samurais, uma casta guerreira no Japão feudal, a divisão de classes sociais era muito evidente, e foi na classe dos Samurais que o jiu-jitsu ganhou força e mais se desenvolveu. O jiu-jitsu era uma matéria obrigatória aos jovens e adolescentes que desejavam se tornar Samurais, assim como outras técnicas como a esgrima, a cavalaria, a pintura e a literatura. Sua evolução se deu pelo fato de que

dentro de um campo de batalha um Samurai poderia acabar sem suas espadas ou lanças, necessitando de um método de defesa pessoal sem armas. Como os golpes de impacto não eram eficientes nesse contexto, visto que os samurais vestiam armaduras resistentes, as quedas e torções começaram a ganhar espaço pela sua eficiência. O jiu-jitsu, assim, nascia em contraposição as outras artes em que os combatentes portavam espadas ou outras armas.

O jiu-jitsu era algo tão importante, que o imperador do Japão editou um decreto proibindo o ensino da arte fora do Japão ou aos não japoneses, essa proibição estendeu- se até a primeira metade do século XX. Ensinar a arte aos não japoneses era considerada crime, quem desrespeitasse essa ordem do Imperador era considerado traidor do Japão, podendo ser condenado à morte.

Após a popularização do jiu-jitsu, como arte marcial, Jigoro Kano passou a institucionalizar vários golpes e fundamentos do jiu-jitsu tradicional em detrimento de outros (RUFINO; MARTINS, 2011).

Jigoro Kano criou seu próprio jiu-jitsu que se apresenta em duas formas, uma que se aplica quedas e imobilizações, que atualmente conhecemos como judô, a outra consiste em uma luta no solo com agarramentos, chaves de braço e de perna, torções e estrangulamento. Jigoro Kano teve seu primeiro contato com o jiu-jitsu na adolescência, aos dezessete anos, quando aperfeiçoou sua técnica em 1882, criando seu próprio dojo, local destinado ao treinamento, no distrito de Tóquio na China. Ainda em 1882 nasceu o judô, uma série de variedades de jiu-jitsu, naquela época não muito divulgados, reservados apenas aos mais afamados mestres da arte (CAZZETTO, 2010).

O primeiro registro do uso da palavra "jiu-jitsu" ocorreu em 1532, e foi cunhado por Hisamori Tenenuchi, quando ele, oficialmente, criou a primeira escola de jiu-jitsu no Japão. A tradução do termo Jiu-Jitsu, do idioma japonês para o português, significa "arte ou técnica suave "(Jiu = Suave; Jitsu = Arte ou Técnica). O significado do termo é baseado na sua filosofia e prioriza o uso de princípios biomecânicos que visam otimizar a força muscular do praticante, anulando a do oponente e/ou até mesmo utilizando as valências físicas deste contra ele próprio (PADILHA; IDE, 2005). A grafia em português do termo Jiu-Jitsu é a grafia que foneticamente mais se aproxima do idioma japonês, em alguns países ocidentais usam também os termos Ju-Jítsu, Ju-Jutsu e Ju-Jitso que podem ser traduzidos como arte suave, mas podendo interpretar como técnica de ceder ou arte da flexibilidade (GRACIE, 2008).

Sua evolução se deu pelo fato de que dentro de um campo de batalha um samurai poderia acabar sem suas espadas ou lanças, necessitando de um método de defesa sem armas. Como os golpes de impacto não eram eficientes nesse contexto, visto que os samurais vestiam armaduras, as quedas e torções começaram a ganhar espaço pela sua eficiência. O Jiu Jitsu, assim, nascia em contraposição as outras artes em que os combatentes portavam espadas ou outras armas.

No Japão, Jiu Jitsu era tratado como uma joia e por ser tão importante chegou a ser por decreto imperial proibido de ser ensinado fora do Japão ou aos não japoneses, essa proibição atravessou os séculos até a primeira metade do século XX. Onde era considerado crime ensiná-lo aos não japoneses. Quem desrespeitasse essa ordem era considerado traidor Japão, podendo ser condenado à morte, sua família perdia todos os bens que tivesse e sua moradia era incendiada.

Neste contexto, em que o jiu-jitsu estava proibido em território japonês, muitos mestres emigraram do país para outros continentes, disseminando a arte marcial. O mestre em judô e jiu-jitsu Mitsuyo Maeda popularmente conhecido como Conde Koma realizou uma turnê pela América do Norte e Central, onde apresentara pela primeira vez o judô e o jiu-jitsu.

3.1 O JIU-JITSU NO BRASIL

Maeda chegou ao Brasil em julho de 1914 para divulgar o judô e o jiu-jitsu. Maeda desembarca em Porto Alegre para demonstrações de jiu-jitsu, depois de ter passado pelos Estados Unidos, fazendo demonstrações até na Casa Branca, para o presidente Theodore Roosevelt (GRACIE, 2008). Em 1917 Conde Koma retornou ao país, fixando residência no Brasil no estado do Pará. Naturalizou- se brasileiro adotando o nome de Otávio Maeda. Segundo Guimarães (2006), ajudou um grupo de japoneses que queria fundar uma colônia no norte brasileiro, em Belém do Pará, este grupo contou com a ajuda do diplomata brasileiro Gastão Gracie, que ajudou os japoneses com terras e gado.

Ao mesmo tempo em que ensinava o judô nas academias policiais, Mitsuyo Maeda iniciou os trabalhos para formar sua própria academia. Gastão Gracie tornou-se um grande entusiasta do jiu-jitsu e levou seu filho mais velho, Carlos Gracie, para conhecer Maeda. Segundo Gracie (2008) Carlos ficara encantado com a apresentação de Mitsuyo Maeda, e começou a ter aulas diariamente com o mestre,

por quase três anos e foi responsável por ensinar o jiu-jitsu a seus irmãos. Carlos Gracie abraçou o Jiu-jitsu e passou a incutir nos irmãos o amor pela arte marcial, sua mãe sonhava ter mais diplomatas na família, seguindo os passos do pai Gastão Gracie. O fundador do clã teve 21 filhos, 13 deles se tornaram faixa- preta ajudando a fortalecer a arte. O Grande Mestre Carlos foi o primeiro integrante da família a se lançar em uma luta sem regras, a que chamou de vale tudo (A HISTÓRIA..., c2021).

Conforme indicado na Revista Tatame (2008, p. 26): "Carlos começa a dar aulas para amigos e para os irmãos; em 1922, depois da morte do avô Pedro Carlos Gracie, transfere- se para o Rio de Janeiro com os irmãos e adota a profissão de professor e lutador." Após algumas viagens por São Paulo e Minas Gerais, onde ministrou aulas e participou de algumas lutas, voltou ao Rio de Janeiro e em 1925 abriu a primeira Academia Gracie de Jiu-jitsu, com seus irmãos Gastão e Oswaldo como assessores.

Hélio Gracie começou a ensinar o jiu-jitsu aos dezesseis anos. Um dia seu irmão Carlos estava atrasado para dar aula particular a Mário Brandt, um diretor do Banco do Brasil, e Hélio se ofereceu para substituir seu irmão, o aluno aceitou e quando Carlos chegou pedindo desculpas pela demora, seu aluno disse que não havia problemas e que gostaria de ter aulas com Hélio.

Hélio percebeu que mesmo sabendo as técnicas teoricamente, seria difícil executá-las devido ao seu porte físico, uma vez que muitas das técnicas requeriam força bruta. Assim, o filho mais novo de Gastão destacou- se entre os irmãos, foi responsável por refinar as técnicas da arte japonesa e fez inovações maximizando as alavancas, consequentemente minimizando a força necessária para executar as técnicas. Dessa forma um praticante de menor estatura e/ou mais fraco ganharia a capacidade de se defender e até derrotar oponentes mais fortes e/ou mais altos. Por ter realizado as mudanças e inovações na forma de praticar o Jiu-jitsu, Hélio ficou conhecido como o fundador do Jiu-Jitsu Brasileiro (BJJ), foi grão-mestre em jiu-jitsu 10º Dan.

Em consonância com as táticas de Maeda, os membros da família Gracie continuaram, os desafios a capoeiristas e lutadores de todas origens e tamanhos, mesmo em desvantagem por causa do tamanho enorme de seus oponentes, aos leva-los para o chão, com alavancas e estrangulamentos derrotavam seus oponentes com facilidade.

A família Gracie ficou conhecida como uma família de lutadores brasileiros, são originários de Belém e atualmente encontram- se radicados nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, também estão presentes no exterior levando o Brazilian Jiu-Jitsu (BJJ) ao mundo. Os filhos dos patriarcas Carlos e Hélio continuaram o legado trabalhando para o desenvolvimento e divulgação do estilo brasileiro da arte marcial, assim como seus netos.

Carlson Gracie (1933- 2006), filho de Carlos, iniciou sua carreira aos dezenove anos ao combater contra Waldemar Santana. A primeira das quatro lutas durou cerca de 40 minutos e o desafio terminou com duas vitórias de Carlson e dois empates. Em toda sua carreira participou de dezenove lutas profissionais tendo apenas uma derrota. Além de defender o nome da Academia Gracie deu continuidade aos desafios que sua família fazia contra praticantes de outras artes marciais. Fundou sua equipe, a Arrebentação, hoje Academia Carlson Gracie. Mestre Carlson, faixa preta 9º grau, faleceu nos Estados Unidos, país onde morava há muitos anos e mesmo assim recusou aprender o idioma local.

Faixa- preta de jiu-jitsu 6º grau, Royce Gracie é filho do grão-mestre Hélio Gracie. Lutador de jiu-jitsu e MMA (artes marciais mistas), foi três vezes campeão do Ultimate Fighting Championship (UFC), campeonato de lutas criado por seu irmão mais velho, Rorion Gracie, em 1993. Royce e Rorion Gracie mudaram para os Estados Unidos para ensinar o Brazilian Jiu-jitsu, também conhecido por Gracie Jiu-jitsu. A ideia de criar um campeonato surgiu com a dificuldade de encontrar alunos, dando visibilidade a arte suave e ao estilo criado por seu pai.

Kyra Gracie, a primeira mulher da família a conquistar faixa- preta em jiu-jitsu e competir no esporte, é pentacampeã mundial e fundou sua própria academia de artes marciais, a Gracie Kore.

A Família Gracie foi responsável pela criação do Jiu-jitsu Brasileiro (BJJ), também criou a Dieta Gracie. Também divulgaram a arte suave que se encontra em expansão em outros países. Rufino e Darido (2009), afirmam que o jiu-jitsu está em constante transformação e a cada dia, cresce o número de participantes, campeonatos, federações e confederações. Seus integrantes fundaram diversas academias, como a Gracie Barra, Ryan Gracie, Rilion Gracie, Gracie Jiu-Jitsu, contribuindo para o fortalecimento da modalidade esportiva e levando os ensinamentos dos mestres Carlos e Hélio aos alunos.

4 CONCLUSÃO

O Jiu-Jitsu é uma arte marcial surgida na Índia, por volta do ano 2.000 a.C. Uma modalidade que transpôs o tempo e o espaço. No princípio foi praticada por monges budistas em sua defesa pessoal sem deixar de lado os princípios filosóficos da não violência. No Japão o Jiu-Jitsu foi praticado pelos samurais, que utilizavam suas técnicas em situações de combate quando estavam desarmados e passou por transformações com a criação de golpes e técnicas novas, tornou-se uma joia, não podia ser ensinada fora do país, nem para quem não fosse japonês e estivesse morando lá.

Somente com a proibição do jiu-jitsu em território japonês outras nações tiveram acesso a arte suave. Chegou ao Brasil em 1.914 trazida pelo Mestre em Judô e Jiu-Jitsu, Mitsuyo Maeda. A amizade entre Maeda e Gastão Gracie foi um fator de grande importância para o desenvolvimento do jiu-jitsu no país, uma vez que o Mestre Mitsuyo foi professor de Carlos Gracie, filho mais velho de Gastão, que juntamente com Hélio Gracie, foram os patriarcas do Jiu-jitsu brasileiro (BJJ). Além de desenvolverem uma técnica que permitiu aos praticantes de lutas que sofriam com a desvantagem de peso e altura ter condições de participar de combates com chances de vencer o oponente, uma vez que as técnicas do jiu-jitsu japonês foram refinadas e passaram a privilegiar a luta no chão, alavancas, torções, chaves de braço e estrangulamentos assim os lutadores que tinham vantagem em peso e/ou altura encontraram oponentes que mesmo em desvantagem física eram capazes de derrota-los.

O legado dos patriarcas da Família Gracie cruzou fronteiras, chegou a diversos países conquistando cada vez mais admiradores e praticantes do jiu-jitsu brasileiro. Muitos de seus descendentes continuaram o trabalho de difusão do estilo brasileiro participando de eventos nacionais e internacionais, alguns fundaram sua própria escola, sem deixar de lado os ensinamentos dos Mestres Carlos e Hélio Gracie.

Quando se fala em jiu-jitsu no Brasil, logo vem à cabeça o nome Gracie, que se tornou a referência para muitos atletas profissionais e praticantes da arte. Muitos não praticantes de jiu-jitsu conhecem a história da luta, a história e a contribuição que a Família Gracie tem ao esporte e as lutas no Brasil.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA do Jiu-Jitsu. **Graciemag**, [*S. l.*], c2021. Disponível em: https://www.graciemag.com/historia-do-jiu-jitsu/. Acesso em: 07 de agosto de 2021.

ALENCAR, A. L. S. Encontro de Culturas: O Pensamento Feudal Nipônico e a Atuação da Igreja Reformada no Século Cristão Japonês (1549-1650). 2006. Monografia (Bacharelado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

BENEDICT, R. **O Crisântemo e a Espada**: padrões da cultura japonesa. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BERNABÉ, R. C. O período Sengoku e a chegada dos jesuítas no Japão. **Estudos Japoneses**, [*S. l.*], n. 30, p. 133-144, 2010. ISSN 1413-8298. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ej/issue/view/10446/1250. Acesso em: 09 nov. 2021.

BRASIL-JAPÃO: 100 ANOS de lutas. n. 149, Julho, 2008. **Revista Tatame,** [*S. l.*], n. 149, jul. 2008.. Disponível em: https://tatame.com.br/. Acesso em: 10 nov. 2021.

CAZETTO, F. F. Jiu-Jitsu brasileiro e Vale-Tudo: o uso de novas tecnologias no ensino de Lutas e Artes Marciais. **Motrivivencia**, [*S. l.*], v. 22, n. 34, p. 223-230, jun. 2010. DOI: 10.5007/2175-8042.2010n34p223. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/17130/15855. Acesso em: 10 nov. 2021.

EHMS, A. G. N. **Alterações álgicas pós-tratamento quiroprático em atletas de jiu-jitsu de uma academia na serra gaúcha**. 2010. 42f. Trabalho De Conclusão De Curso – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2010.

GRACIE, R. **Carlos Gracie, o criador de uma dinastia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 590 p.

GUIMARÃES, F. M. **Atlas do Esporte no Brasil:** JiuJitsu**.** Rio de Janeiro: CONPEFE, 2006.

PADILHA, D. A.; IDE, B. N. Possíveis lesões decorrentes da aplicação das técnicas do jiu-jitsu desportivo. **Lecturas: Educación física y deportes**, [*S. l.*], n. 83, p. 20, 2005. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1122050. Acesso em: 09 nov. 2021. ISSN-e 1514-3465.

PARIZOTTO, P. G. G. *et al*. O processo de institucionalização e regulamentação de artes marciais orientais no Brasil. **Caderno de Educação Física e Esporte**, [*S. l.*], v. 15, n. 1, p. 53-62, 2017. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6723028. Acesso em: 10 nov. 2021.

PODEROSO, A. C. G.; PODEROSO, R. Análise da flexibilidade dos atletas de jiu-jitsu do estado do Paraná. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, v. 17, n. 167, abr. 2012. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd167/flexibilidade-dos-atletas-de-jiu-jitsu-do-parana.htm. Acesso em: 10 nov. 2021.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. O jiu jitsu brasileiro nas três dimensões dos conteúdos nas aulas de educação física escolar. *In*: Colóquio de pesquisa qualitativa em motricidade humana: as lutas no contexto da motricidade, 4., 2009. **Anais [...]**, Moçambique: Universidade Pedagógica, p. 399-413, 9-11 dez. 2009.

RUFINO, L. G. B.; MARTINS, C. J. O jiu jitsu brasileiro em extensão. **Revista Ciência em Extensão**, [*S. l.*], v. 7, n. 2, p. 84-101, 2011. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/4621122050. Acesso em: 09 nov. 2021.

SEVERINO, R. E. **O Espírito das Artes Marciais**. 1. ed. São Paulo: ÍCONE, 1988. 213 p.

YAMASHIRO, J. **História da Cultura Japonesa**. 1. ed. São Paulo: IBRASA, 1986. 234 p.